

**PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA EXPERIÊNCIA PARA
ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA**

Dayse Kelly Barreiros¹

Resumo:

Esta pesquisa é fruto de um trabalho realizado em 2008 durante a minha graduação em Pedagogia apresentado à disciplina de *Pesquisas e Práticas em Diferentes Espaços* da Universidade Federal de São Carlos. Tem como objetivo abordar os diferentes processos educativos em ambientes diversos a escola, de forma a ampliar o olhar do educador em relação às diferentes formas de aprendizagem e práticas de ensino através da relação que o indivíduo estabelece com o mundo. O espaço social analisado e escolhido como objeto de estudo foi a reunião do *Clube de Desbravadores John Hancock* da Igreja Adventista do 7º Dia do município de Pirassununga, São Paulo. Trata-se de um grupo de escoteiros que desenvolve atividades para juvenis de 10 a 15 anos, comandados por líderes acima de 16 anos, anunciando a esperança de um mundo melhor através da prática do ensino cristão. As questões que nortearam a minha pesquisa foram as que se relacionam com os processos de ensino e aprendizagem, *de que forma ocorrem esses processos; quem ensina e de que forma; quem aprende e o que*. Os resultados alcançados provam que nas práticas sociais se desenvolvem processos educativos que promovem a formação para vida. Os sujeitos aprendem posturas, atitudes, e valores que são construídos e ensinados nas práticas sociais de que fazem parte. É difícil dizer que todas as possibilidades de aprendizado tenham sido esgotadas em uma única pesquisa. Isso nos leva a concluir que o processo de ensino-aprendizagem pode mesmo ocorrer em ambientes diversificados e que esse é um ciclo constante.

Palavras-chave: práticas de ensino; ensino-aprendizagem; espaço social.

Este é um trabalho realizado no ano de 2008, durante a minha graduação em Pedagogia, apresentado à disciplina de *Pesquisas e Práticas Pedagógicas em Diferentes Espaços*, a qual cursei na Universidade Federal de São Carlos. Tem por objetivo abordar os diferentes processos educativos e práticas de ensino, nos quais os indivíduos estão inseridos fora do âmbito escolar. Ampliando o olhar do futuro educador em relação às diferentes formas de aprendizagem e práticas de ensino em lugares diversos, através da relação que o indivíduo estabelece com o mundo.

O ser humano está em constante aprendizagem e socialização e é por este motivo que sua educação e aprendizagem não se restringem apenas à instituição escolar, mas sim, aos espaços que estão à sua volta. Como afirma Paulo Freire (1993), faz parte da existência do ser humano aprender a ensinar e a aprender, ou seja, para ele a educação é uma prática permanente.

¹ Pedagoga e aluna do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Endereço eletrônico: daysekb@hotmail.com

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Ao se inserir no ambiente escolar o aluno traz consigo uma bagagem de conhecimentos e experiências adquiridas em seu processo de socialização e que muitas vezes está repleto de conhecimentos e percepções, os quais são fundamentais na prática educativa e na socialização com seus colegas. Neste sentido vale lembrar que, para Torres

A escola não é única instituição capaz de educar. Educa-se através das organizações (sindicatos, associações, clubes, empresas, partidos, etc.). Educa-se através do convívio e do relacionamento entre as pessoas. (2005, p.2).

Gonçalves Filho (1998) destaca a existência de diferentes tipos de olhares para as diversas situações que estão à volta do ser humano. Quanto ao olhar, pode-se observar a sua subjetividade e o seu papel na vida de cada indivíduo. De acordo com o autor, os seres humanos, nesse mundo moderno, não olham atentamente para as coisas que os rodeiam, têm apenas uma visão parcial, não profunda, não compreendem que o olhar é mais do que simplesmente ver alguma coisa. Olhar é estudar, é enxergar o que está por trás do que você está observando, é conseguir entender o mundo através da sua visão sem a influência de conhecimentos adquiridos.

Segundo Gonçalves Filho (1988, p. 95) “concentrando o olhar ao imediato sem interioridade e atrofiando a memória ao ponto estéril de uma função supérflua”, excluímos as possíveis interpretações, as quais de fato possam ter ocorrido.

Através de uma visão mais ampla, somos capazes de ver a realidade e assumir uma postura crítica em relação a esses e outros assuntos que, muitas vezes, nos passam despercebidos. Esse é um assunto importante para a formação do pedagogo, pois ajuda a conciliar as informações adquiridas através do processo formativo e as experiências pessoais vividas no passado, bem como possibilita que tenhamos uma posição mais realista em relação aos assuntos e situações que possivelmente serão vivenciados no decorrer da profissão.

Entretanto, faz-se importante ao educador, enxergar as diversas maneiras de educação que existem, ou seja, o olhar deve ser rebuscado, profundo, intenso e acima de tudo, coerente com as vivências. Isso traz a percepção daquilo que é importante no que diz respeito à educação, mesmo fora do ambiente escolar.

As questões que nortearam a minha pesquisa foram: de que forma ocorrem os processos educativos; quem ensina e de que forma; quem aprende e o que. O espaço físico escolhido foi o *Centro de Recreação Presidente Médice* da cidade de Pirassununga –SP, e

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

o espaço social analisado foi a reunião do *Clube de Desbravadores John Hancock*, uma espécie de escoteiros, pertencente a *Igreja Adventista do 7º dia*.

O clube de Desbravadores desenvolve atividades para juvenis de 10 a 15 anos, comandados por líderes que normalmente são acima de 16 anos, anunciando a esperança de um mundo melhor através da prática do ensino cristão. Carregam a bandeira do perfeito desenvolvimento físico, mental e espiritual com coragem, pureza e lealdade.² Especificamente o clube de desbravadores de Pirassununga, possui 50 integrantes incluindo os líderes. São divididos em cinco unidades, sendo três de meninas e duas de meninos. Cada unidade possui um conselheiro para garotos e conselheira para garotas, algumas tem até ajudante de conselheiro.

Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizei dos recursos da observação, bem como entrevistas. Diálogos e atitudes que cada um tomava foram coletados e registrados em um diário de campo, e através desta metodologia, consegui captar os fatores que queria focar no trabalho. A entrevista abordou a temática sobre o que era possível aprender naquele ambiente.

As visitas no espaço social aconteceram regularmente aos domingos, das 9h às 12h e das 15h às 17h30 nas esporádicas reuniões aos sábados, totalizando dez inserções. Nesse período, várias foram as conversas analisadas e muitos foram os processos educativos observados.

Ao lançar a pergunta: “*o que você aprende com o clube de desbravadores?*”. Obtive várias respostas, como, “Eu aprendo a ser mais educada.” Outra disse: “Aprendo a ser mais fiel a Deus.” E um garoto então mencionou: “Aprendo a ser corajoso e independente.” Outro: “Quando venho aqui nas reuniões aprendo que tenho que trabalhar com meus amigos pras coisas darem certo.”

O fato de seguir regras, rotinas, de forma disciplinada, fez com que a alguém achasse que tais atividades proporcionam uma boa educação, ou aquisição de valores morais. Realmente a independência e audácia são qualidades bem trabalhadas em algumas atividades que realizam. Querem formar crianças que não tenham medo de desbravar.

A parte religiosa no grupo é bem enfatizada e é o objetivo que fica de pano de fundo para organizar todos os trabalhos do grupo, isso eu percebi pelo histórico dos desbravadores, bem como as inserções. Percebi que o respeito pelo próximo e a

² Fonte: Site oficial dos Desbravadores | www.desbravadores.org.br

coletividade são algumas das grandes aprendizagens ressaltadas dia a dia nas reuniões do clube de desbravadores.

Já por parte dos líderes, os conselheiros, eu obtive naturezas de respostas diferentes. Como, “aprendo a conversar e lidar com as crianças.” (C1)³. “Acho que não aprendo muita coisa, o que faço mais é ensinar” (C2). “Aprendo a ser um verdadeiro líder” (C3). “Aprendo que ser criança é mais legal que ser adulto, porque agora tenho muitas responsabilidades, como esta de cuidar delas” (C4).

Interessante notar que ao perguntar muitos já foram logo dizendo que seria difícil listar, pois não conseguiriam se lembrar de tudo que aprenderam. Isso quer dizer que há aprendizagens. No entanto, C2 se mostrou desconhecedor dessas aprendizagens, o fato dele ser líder, permite-o sentir que ensina seus desbravadores e somente isso. Ele não acha que há uma troca de relações e que é possível aprender com elas.

Já os outros têm a idéia de aprendizagens de maneira elucidativa. Entendem como uma troca de práticas sociais. Possivelmente, C2 tenha essas sensações só não de forma muito clara, ainda inconsciente. Com a fala de C4, me lembrei das contribuições de Gonçalves Filho (1988) e percebi que o olhar dela se modificou quando se reportou às suas memórias de quando foi criança ao trabalhar agora com elas.

Já o diretor destacou importantes aprendizagens, bem como, algumas limitações de seu trabalho, por exemplo, ao se referir sobre a influência da família. Ele pôde ver que a criança não vem vazia de idéias, mas sim com uma bagagem construída a partir de diversas vivências.

Contudo, o interessante aqui é perceber que o processo de ensino-aprendizagem é bem abrangente e não se esgota, pelo contrário, é um processo de uma vida toda. Todos esses fatores contribuem para que os processos educativos não escolares sejam uma rica fonte de conhecimento e pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Olhar para a escola como única fonte de aprendizagem é descartar todos os outros espaços como locais nos quais existam trocas de experiências entre os seres humanos. É desconsiderar que as aprendizagens ocorrem para além dos muros da escola. Neste sentido é importante ressaltar que Gonçalves Filho (1988) nos traz aquilo que direciona ou não o nosso olhar. Com isso, geralmente nos direcionamos e interpretamos fatos da maneira que

³ Os nomes foram omitidos e substituídos pela sigla Cx referente a conselheiros e Dx referente a desbravador.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

queremos, e não da maneira que ele realmente é. Isto dificulta a verdadeira interpretação da realidade dos acontecimentos, e por conseqüência, a interpretação do ato de se aprender.

E quanto ao ato de se ensinar, muitas vezes o pedagogo tem um problema em sala de aula e não procura saber qual o motivo do mesmo e isto dificulta sua prática. Sabendo qual a origem do problema, no entanto, muitas vezes melhora sua atuação em sala de aula, e ainda, o desenvolvimento de seu aluno, já que este problema pode ser conseqüência de um fator exterior à instituição. Está aí um exercício que deveria ser constante na prática docente do profissional: olhar para todas as direções, no intuito de captar todos os acontecimentos que estão à volta do aluno, para que o profissional trabalhe de uma maneira a fim de aproximar conteúdos com a realidade de cada um.

Isso nos leva a concluir, mais uma vez, que o processo de ensino-aprendizagem pode mesmo ocorrer em ambientes diversificados e que esse é um ciclo constante. Não importa quanto tempo você já viveu ou o número de experiências que você acumulou, sempre existirão pessoas que te ensinarão alguma coisa e que estarão aprendendo com você. Afinal, é no convívio com as outras pessoas que o sujeito se constrói enquanto ser humano e adquire saberes de experiências.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. “Cidade Educativa”. In: **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. In: **Educação como prática para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 95-124.

TORRES, Tércia Z. Práticas Sociais e Processos Educativos. **A prática de bordar e os processos educativos nela inseridos**. Tese de mestrado defendida junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. Fev., 2005.